O Manuscrito encontrado na Utopia

Nadja tinha 15 anos quando chegou a casa de Julie Lauze em Valence-sur-Baise, no Sudoeste da França em Outubro de 1922. Trouxe com ela uma caixa de cartão cheia de documentos (cartas, manifestos, diários, apontamentos, esboços, desenhos, fotografias, cartazes) que herdou da sua mãe, detida pela Tcheka, deportada em 1921 e desaparecida nas entranhas da Sibéria carcerária.

Nadja e Julie empreenderam traduzir alguns documentos para francês. Em 1936 juntaram-se aos anarquistas de Barcelona e levaram o manuscrito para continuar o trabalho de tradução nas horas vagas da guerra. Desapareceram em Novembro de 1936 depois da marcha para Madrid, a morte de Durruti e o desmantelamento das colunas. Não se sabe o que aconteceu à pasta de cabedal com os documentos.

No final dos anos 90, a Sra Lipman Ferreira compra uma pequena arca cheia de livros, cartazes, folhetos, documentos em várias línguas, na feira da Vandoma no Porto. Em 2009, depois da sua morte, os seus livros e outros objectos são vendidos em lote à livraria Utopia. Ao abrir a arca, além dos livros, dos documentos da Guerra Civil espanhola e Segunda Guerra Mundial, descobriu-se um falso fundo onde estava uma carteira de cabedal com umas folhas soltas manuscritas, desenhos, postais, fotografias, recortes de jornal.

Deste espólio diversificado, apresentamos aqui a tradução de uma carta datada de 1940, assim como partes do manuscrito onde encontrámos textos, desenhos, fotografias e recortes de jornais de várias mulheres. Entre elas: notas e apontamentos da Anastasia Galaieva; cartas entre Austra Tievais-Shepshelevich e Paulina Frantsevna Metter; apontamentos de Paulina Frantsevna Metter; recortes e apontamentos de Austra Tievais-Shepshelevich; poemas de Sofia Lvovna Finkelshtein; cartas entre Freida Semionovna Novik-Sheptun e Olga Ilyinichna Taratuta; umas cartas de Fanny Kaplan; excertos do diário de Marusya Nikiforova e um testemunho de uma catalã sobre Marusya Nikiforova. Estes documentos são apresentados por ordem cronológica para termos uma ideia não só dos acontecimentos históricos, mas também das vidas e percursos destas mulheres.

DIÁRIO DE MARUSYA NIKIFOROVA

***Aleksandrovsk*, 19 de Agosto de 1900**

Mais uma noite de barrigas cheias… de fome. Mais uma noite em que os grandes senhores se alambazam com iguarias exóticas, trazidas de lugares longínquos, enquanto que nós, os que trabalham nos campos e nas fábricas até desfalecer, temos direito a um pedaço de pão duro. Quando temos…

O meu pai usa o seu ferimento de guerra, que o incapacitou para o resto da vida, arrastando uma perna morta para todo o lado, como uma medalha de mérito. Com um orgulho que não compreendo, nem aceito.

Verga-se perante o maldito Czar como perante Deus… Não consigo entender que ele não veja que é aquele homem e outros como ele que nos estão a matar à fome.

Vejo a minha mãe a trabalhar horas a fio e o pouco que consegue trazer para casa é uma parte tão diminuta daquilo que efectivamente produz que a minha vontade é atirá-la à cara do patrão.

Todos os dias sinto que algo tem que ser feito. Todos os dias sonho com uma união entre todos os operários e camponeses para reclamarem o que é seu por direito.

Sei que, em breve, como a mais velha dos meus irmãos, terei que arranjar um trabalho, mas a ideia da exploração a que serei sujeita revolve-me as entranhas.

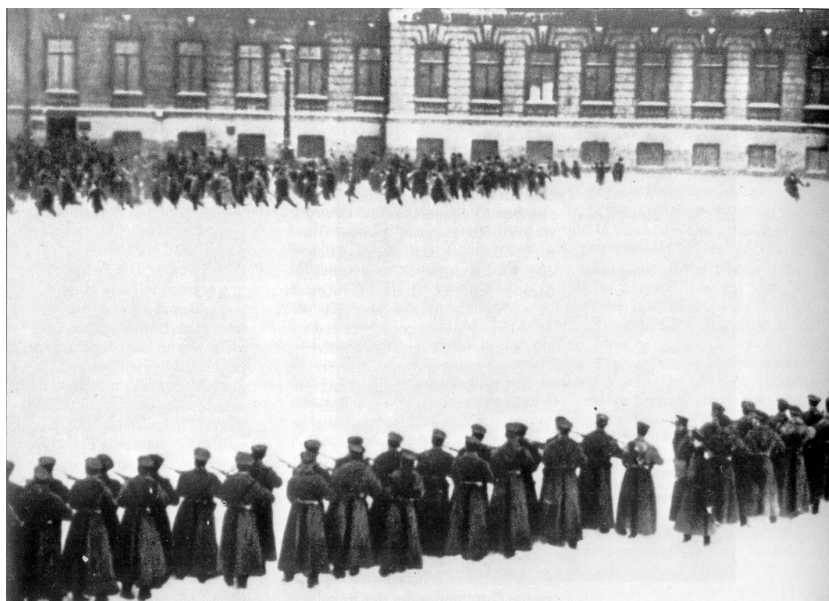
Conheci algumas pessoas que pensam como eu, que não podemos continuar a sujeitar-nos aos nossos carrascos. Que temos que ser nós e não um qualquer iluminado a eliminá-los.

Às vezes sonho com um grande incêndio numa casa rica, com todos os senhores lá dentro implorando ajuda. Sonho que lhes viramos as costas como eles as viram à nossa fome.

Nessas manhãs acordo com uma boa disposição contagiante…

***São Petersburgo*, 13 de Janeiro de 1905**

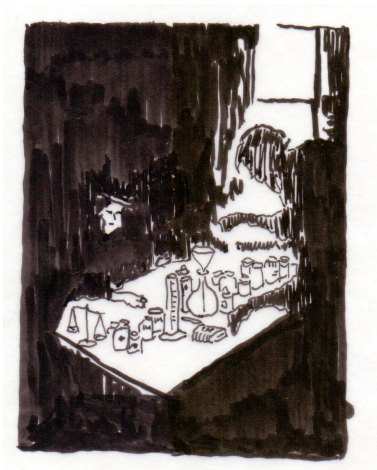
Tal como os meus companheiros nunca acreditei na boa fé do imperador, e muito menos na daquele padre maldito. Eles não queriam que eu viesse, alegaram que corria demasiados riscos. No fundo, sei que tinham razão. Mas

tinha que vir, tinha que ver com os meus próprios olhos…
Só soubemos mais tarde que o Czar, como bom cobarde, tinha abandonado a cidade. Todas aquelas pessoas acreditavam que iam ser ouvidas, que ele aceitaria os pedidos de mudança.
Não me misturei na massa que avançava para o Palácio de Inverno, fui-me mantendo à margem, tentando não ser identificada pelos agentes da Okhrana que estavam espalhados por todo o lado…
Foi incrível ver toda aquela gente determinada a não sair dali, mesmo depois das ameaças. O nosso povo já não tem nada a perder, o que ali o levava nada mais era do que a luta por alguma dignidade.
As greves de Dezembro deram um ânimo suicida a todos os que não têm comida para pôr no prato, a todos os que trabalham do nascer ao pôr do sol por meia dúzia de rublos, a todos os que são escravizados, a todos os que são presos só por falarem mais alto ao patrão.
Quando a guarda disparou os primeiros tiros, ninguém se moveu para fugir, estavam dispostos a morrer pelo que estavam ali a exigir… mas depois… depois foi o caos…
Rajadas constantes sobre uma multidão desarmada, gente a fugir desesperada

sem saber para onde ir, pois os tiros pareciam vir de todo o lado…
Corpos de mortos e feridos espalhados pelo chão… gente espezinhada pelos que tentavam fugir… a neve ficou vermelha e empastada de tanto sangue derramado… Os meus sonhos são povoados por essa neve de sangue…
Consegui ajudar algumas pessoas a resguardar-se e a fugir, sei que nesses corações ficou uma semente… já não uma semente de esperança, mas agora uma semente de ódio…
Sei que depois deste dia já nada vai ser igual.
Volto para Aleksandrovsk com a certeza de que só matando e destruindo todos os poderosos, poderemos alguma vez sonhar com Liberdade.

NOTAS E APONTAMENTOS DE ANASTASIA GALAIEVA

9 de Abril, 1905
As revoltas, insurreições e sublevações eclodem por todo lado apesar da ferocidade da repressão…
Milhares de camponeses e operários revoltam-se.
O trabalho de distribuição de imprensa libertária que a companheira Rebecca tem desenvolvido está a ser importantíssimo. O povo exige melhores condições de vida e a presença de representantes no governo. O povo quer outra forma de governo…
Várias mulheres vieram ter comigo quando estava na fila do pão (que mais uma vez não chegou para todas) porque tinham lido o “Pão e Liberdade” e queriam organizar-se. Falámos durante as três horas que estivemos à espera e marcámos um encontro…

23 de Junho, 1905
Encontro com as companheiras Babushka, Shera e Maria...
Criação de uma rede de interligação dos vários grupos anarquistas (Ekaterinoslav, Odessa, Bialystok, Lodz, Moscovo, Varsóvia).

11 de Novembro, 1905
Laboratório

- Nitroglicerina: $C_3H_5N_3O_9$ (3 átomos de carbono, 5 de hidrogénio, 9 de oxigénio e 3 de nitrogénio).

Misturar, cuidadosa e lentamente, glicerina com uma mistura fria de ácido sulfúrico (H_2SO_4) e ácido nítrico (HNO_3) concentrados, não permitir que a temperatura suba além de 30º C.

- Dinamite: 75% de nitroglicerina e 25% de substância absorvente (terra-de-infusórios, areia fina, carvão, serrim, argila).

Deixar a nitroglicerina ser absorvida pela substância absorvente.

Outros materiais:

- capa cilíndrica para envolver o material explosivo;
- detonador;
- cabo eléctrico para conectar ao detonador.

30 de Novembro, 1905

Encontro com as companheiras para ajustar os últimos detalhes.

- temos todo o material necessário?
- marcar dia para preparação;
- definir transporte;
- definir posições;
- outros.

23 de Dezembro, 1905

Isaac morreu e várias companheiras e companheiros foram presas...

Queridas Babushka, Shera e Maria, agoniza-me saber pelo que estão e vão passar, mas a vossa coragem, determinação e ânsia por liberdade dão-me força e alento para continuar a resistir e a lutar por um mundo onde todas sejamos livres e iguais…

POEMA DE SOFIA LVOVNA FINKELSHTEIN

Atrás não volto

Congelam-me em tempos…
Nestas andanças
Urgem rápidas mudanças.
Atrás não volto!

Congelam-me em tempos,
Mas atrás não volto…
Senhores do pão que é nosso
Que eu já me revolto!

Congelam-me em tempos,
E atrás não volto…
Antes adivinho:
- Tempestades conjuntas se agitarão
Mares de gente num turbilhão
Esta terra tão nossa revolverão
Que melhores eras virão

Vá, congelem-me em tempos,
Que atrás não volto…
Resistirei que seja em contratempos

Dezembro 1905
(Desgelo - ao lembrar-me dos vossos olhos, companheiras e companheiros, – desgelo)

NOTAS E APONTAMENTOS DE ANASTASIA GALAIEVA

13 de Janeiro, 1906

As revoltas populares continuam a aumentar. A repressão por parte do exército e da polícia czarista é cada vez mais feroz…

17 de Junho, 1906

Entreguei à Rebecca testemunhos de várias mulheres camponesas que começaram a organizar-se em pequenas comunidades, baseadas nos princípios da partilha e igualdade.
Desta vez Rebecca, além do "Pão e Liberdade", trouxe várias outras publicações e panfletos para distribuir no Grupo Anarquista de trabalhadores de Ekaterinoslav e também trouxe roupas para serem distribuídas pelos prisioneiros.
Depois de tratarmos das questões do nosso encontro chegou a hora de nos despedirmos…
Ah!! Que reconfortante é o abraço entre duas companheiras…

1 de Novembro, 1906

Hoje foi o julgamento de Babushka, Shera, Maria e demais companheiras e companheiros que se mantiveram firmes e recusaram ser representados por advogados.
Shera, Moisei e Osip foram condenados à morte. Babushka e mais dois companheiros foram condenados a 17 anos de trabalhos forçados na Sibéria. Maria foi condenada a 10 anos de trabalhos forçados…
Temos de agir rápido para libertar as companheiras e companheiros…

17 de Novembro, 1906

Recebi a transcrição (que uma prisioneira anotou) das últimas palavras pronunciadas pela querida companheira Shera: "Viva a revolução! Viva o Anarquismo comunista! Morte aos assassinos! Maldito sejas, ó carrasco! Um dia, o vosso Imperador será enforcado!"
Oh querida Shera! Não consigo descrever o que sinto neste momento… sinto dor e raiva por já não estares cá, uma tristeza profunda, e ao mesmo tempo, a

tua atitude e últimas palavras enchem-me de orgulho e reforçam a minha convicção de que outro mundo é possível…
É estranho, choro e rio (ao mesmo tempo) enquanto escrevo isto... Permanecerás sempre no meu coração e memória como amiga e companheira que sempre soube que apenas há dois caminhos: lutar para viver ou morrer a lutar!
Shera, Moisei e Osip foram enforcados no pátio da prisão de Odessa há dois dias atrás…

15 de Janeiro, 1907
Finalmente consegui encontrar-me com Babushka e Rebecca… Estou animada por saber que colaboram no "Buntar" ("O Insurgente") e partilhámos informações...

27 de Março, 1907
A repressão está a tornar-se asfixiante... Rebecca (e várias outras companheiras e companheiros) foi presa… soube que Babushka (e alguns companheiros) conseguiu escapar…
há alturas em que me sinto cansada e sem forças…

7 de Junho, 1907
Recebi alguns jornais e publicações e com grande satisfação percebi que Babushka e outros companheiros estão na Suíça e publicam o jornal "O Insurgente".
Querida Babushka, espero que nos encontremos em breve…

13 de Outubro, 1907
Babushka e outras companheiras e companheiros responderam ao nosso apelo, aguardo ansiosamente pelo nosso encontro…
Não podemos esperar mais! Temos de pôr fim à crueldade dos generais Alexander Kaulbars e Tolmachev...

20 de Dezembro, 1907
Os alvos já estão definidos e os planos estruturados.

Penso nas companheiras e companheiros que nos foram violentamente roubados… penso em ti, querida Shera… Viva a revolução!

3 de Março, 1908

Apenas Babushka conseguiu fugir, todas as restantes companheiras e companheiros foram presos… Não me sai da cabeça o olhar desolado de Babushka enquanto me contava o sucedido…
A libertação em massa das companheiras e companheiros anarquistas da prisão de Lukyanivska, que havia sido cuidadosamente planeada, não aconteceu... O grupo foi denunciado e cercado pela polícia…
marcámos encontro para dia 17 de abril com alguns companheiros…

DIÁRIO DE MARUSYA NIKIFOROVA

Vladivostok, 30 de Novembro de 1908

Não há nada de que goste menos na vida do que esperar, e neste momento nada mais posso fazer…
Sei que agora é um risco participar em qualquer acção, mas odeio sentir-me impotente, todos os companheiros saem diariamente para arriscar as suas vidas em prol da Revolução e eu tenho que ficar aqui.
Tenho sorte de não estar morta e sei que muitas companheiras se arriscaram ao juntar-se a mim em Narymsk para eu poder estar aqui hoje, à espera do salto para o Japão, onde sei que já tenho um bilhete para os EUA.
Não sei quanto tempo terei que estar longe da minha terra, da minha luta, dos meus companheiros, mas voltarei com certeza.
No meu julgamento foi fácil perceber que o Czar e os seus lambe-botas feudais estão apavorados com as acções do Povo. As expropriações, os assaltos aos poderosos, e as mortes dos que são contra a Revolução estão a aumentar, a tensão entre o povo e os que se acham senhores do mundo está em ponto de ebulição. Já não há ponto de retorno.
Podem prender-nos, fugiremos ou morreremos, não interessa… muitos ficam para fazer o trabalho…
Posso ter que estar agora escondida, posso ter que fugir, mas a minha luta vai sempre continuar, aqui ou em qualquer outra parte do mundo…

CARTA DE AUSTRA TIEVAIS-SHEPSHELEVICH A PAULINA FRANTSEVNA METTER

Paris, 28 de Abril de 1912

Minha querida Paulina

Não sei nem onde, nem como esta missiva te encontrará, mas, nestes momentos de incertezas, só me restam estas palavras inscritas nesta folha de papel e a firme convicção de que a nossa luta por uma sociedade livre é justa, incomensuravelmente justa! Consegui regressar à Curlândia e como prometido fui visitar a tua família. Nem imaginas a alegria das tuas irmãs e irmãos quando lhes disse que estavas bem e lhes falei da tua força, determinação e compromisso com os nossos ideais. Sasha começou a rodopiar e a cantar à volta do lume e só se acalmou quando o sono se apoderou das suas pequenas pernas.

Soube que Anna Caune e o seu irmão Karlis Krievins defenderam o laboratório de armas nas mãos durante seis horas e suicidaram-se a 14 de agosto de 1906, pouco depois de termos sido presas. Fiz este retrato de memória da nossa

querida Anna. Lembras-te do seu sorriso valente e desafiador? Das noites cheias de conversas e de disputas?
O teu pai contou-me como as expedições punitivas do general Orlov trouxeram terror, dor e mortes. Querida Paulina, vieram três regimentos de infantaria e catorze esquadrões de cavalaria! Um total de 19.000 homens com carta branca para esmagar as revoltas nos campos. Queimaram 300 quintas, executaram cerca de 1170 pessoas. O teu pai conta que, quando chegavam a uma aldeia, o barão local entregava-lhes uma lista de nomes de rebeldes a executar imediatamente, enquanto dez a trinta pessoas eram sistematicamente fuziladas, centenas eram chicoteadas na praça pública, as mulheres eram violadas, os suspeitos torturados e os cúmplices detidos e deportados. Muitas famílias assustadas pela repressão e desesperadas pelas repetidas lazeiras partiram para Europa e Estados Unidos da América.
Na minha raiva e dor não quero acreditar que o terror deve ser combatido pelo terror. Por vezes sinto uma certa impotência e sou invadida por um desejo de agir.
Tentei contactar os Irmãos da Floresta, mas não consegui encontrá-los. Soube que não se sabia nada deles desde 1907 ou 1908. Mesmo assim, os teus pais contaram-me que os companheiros conseguiram proceder a 500 expropriações, sabotaram as linhas telefónicas e telegráficas, assim como os caminhos de ferro, entre outros ataques contra os opressores locais. Imagina querida Paulina, vários castelos foram completamente reduzidos a cinzas! O chicote da escravatura no lombo subserviente dos pobres trabalhadores a rastejar de fome durante dezasseis ou dezoito horas de trabalho repousa nas cinzas destes castelos: Sellie, Koil, Parjenthal, Sauge, Heimar, Walch, Merjama, Rosenthal, Sottkull, Paenkull, Sipp, Luist, Pall, Lohde, Fickel… e que venham mais! Que caiam todos os outros tiranos!
Este ano tem sido de intensas lutas. Companheiras e companheiros atacaram engenheiros e capatazes de várias fábricas. Houve vagas de protesto e greves repetidas. Querida amiga, se soubesses como foi estar em Riga junto dos 25.000 trabalhadores em greve! Ao recordar esse momento, fico com aquele arrepio ardente, sabes aquele fervor de ser uma naquela massa gigante, naquela força em uníssono. É belo e aterrorizador.
Agora estou em Paris em casa de umas companheiras. Arranjaram-me um

trabalho como mulher a dias numa casa perto da torre Eiffel. Foi assim que a 4 de fevereiro, às 8h22, assisti curiosa à experiência do alfaiate François Reichelt. Inventou um fato-paraquedas feito de seda e de um tecido impermeável. Para testar a eficácia do fato, lançou-se da primeira plataforma da torre. Mas, infelizmente o dispositivo não abriu e o inventor sucumbiu à queda de 80 metros, o seu corpo deixou um buraco de quinze centímetros no chão gelado. Recortei o seu retrato no jornal francês ("Le petit Journal").

L'inventeur d'un parachute se lance de la tour Eiffel et s'écrase sur le sol

Un instantané de la chute, montrant que l'appareil ne s'est pas ouvert

Le malheureux inventeur revêtu de son appareil (Photographie prise hier matin avant la tragique expérience)

M. FRANTZ REICHELT

Le premier vêtement-parachute inventé par M. Frantz Reichelt et qu'il n'avait expérimenté qu'avec des mannequins

À noite, tenho ajudado na tipografia do jornal "Melnais Karogs" ("Bandeira Negra"). Recentemente, a polícia francesa desmantelou o bando Bonnot. É impressionante como a polícia aproveita os desenvolvimentos tecnológicos. Depois de utilizarem a fotografia para identificar os participantes na Comuna de Paris, agora conseguem trabalhar a partir de impressões digitais. A propósito do desenvolvimento, no qual não vejo mal nenhum, só estou preocupada com as aplicações, pois recentemente houve greves nas fábricas da Renault e Berliet onde procuraram cronometrar o tempo de trabalho dos operários. Preocupa-me este desejo de nos quererem domesticar. Mesmo assim, todos os avanços do mundo não impedem o fatídico destino que nos impõe a natureza, como o que aconteceu com o afundamento do Titanic. As vontades de poder espalham-se por todo o lado, os impérios andam esfomeados. Agora a República Chinesa reclama o Tibete e a Mongólia como províncias suas e Marrocos é um protectorado francês. O colonialismo espalha as suas garras imperialistas.

Por vezes, não sei como conter a minha raiva. Sinto saudades tuas. Sinto saudades de casa, mas o meu trabalho aqui, na tipografia, é importante e espero regressar em breve.

Mil abraços desta tua companheira que não te esquece.

Austra

POEMA DE SOFIA LVOVNA FINKELSHTEIN

Irkutsk, 1913

Como tudo me parece fugaz e fútil…
Um vazio inquieto seca-me os resquícios das últimas emoções... as tais… as que não seriam superficiais noutras eras… Mas à medida que a minha validade expira… e ainda que me inspire nelas… perecem sem aviso prévio… é curioso como dantes jorrava e sorvia cada lágrima de minhas almas e hoje nem as mais velozes e irrisórias memórias me atestam…

Qualquer coisa como atropelada por insignificâncias de uma existência… assim foi, dispersa esta vivência… e a descrença e desmotivação a aumentar de dia para dia… Pára-me o pensamento, por favor, pelo menos este!!!

Quando a razão deixa de existir… o propósito anula-se a si… a mim já tanto me faz… não me interessa… rebentem-se-me as fuças, os dentes, partam-me os dedos, as rótulas, não deixarei de ser um motor da contradição das massas de um qualquer czar… Vá, sequem-me o sangue, afoguem-me em larvas, queimem-me a pouca pele já velha que me envolve, jamais abandonarei estas batalhas diárias.

Deixei de vos temer, o medo que vos tinha transformou-se em raiva e a minha raiva age sempre pela humanidade, pelos direitos de ser, pela liberdade… assim é a minha sina e o trilho que irei percorrer – traço, aqui, o meu destino com as minhas mãos, acções, palavras e ideais pela beleza que o nosso ser transcende. Ainda que eu expire a qualquer momento a validade desses trilhos perdurará noutros e noutras companheiros e companheiras e em todos me debruçarei de coração aberto na resistência, abraços pela insurreição… a revolução!

DIÁRIO DE MARUSYA NIKIFOROVA

Paris, 14 de Setembro de 1913

Estou esticada numa cama na cave de uma clínica em Paris, conseguiram salvar-me a vida mais uma vez.

Felizmente tudo correu bem no assalto em Barcelona, todos os companheiros escaparam e subtraímos milhares de pesetas ao capitalismo espanhol. Houve apenas este pequeno senão… aquele cão do mosso d'esquadra olhou-me nos olhos antes de me enfiar a bala no peito. Tive sorte, socorreram-me imediatamente e trouxeram-me para aqui. Ele não teve, consegui espetar-lhe uma bala directamente no meio dos olhos, morreu a sorrir, o porco, pensava que me tinha morto também.
Os companheiros espanhóis estão numa luta tão sangrenta como a nossa, são presos e mortos a toda a hora, têm que estar em constante movimento e fuga para se manterem vivos.
Tenho tido notícias da Rússia, o terror não tem dado descanso aos que pensam que o dinheiro lhes compra paz de espírito.
A incompetência daquele imperador de meia tigela está a destruir o país, está a matar todos à fome, mas o Povo já percebeu que não precisa de líderes, o Povo vai aniquilar todos os que se interpuserem no seu caminho.
Em Espanha, consegui aprender muito sobre acção directa e consegui partilhar muito do meu conhecimento com os companheiros.
Tenho a certeza de que seremos cada vez mais a lutar pela verdadeira Liberdade.

APONTAMENTOS DE PAULINA FRANTSEVNA METTER

Solovyevsk, (data ilegível) 1914,
Aqui, nas margens da fronteira com a Mongólia. Estou feliz, finalmente consegui arranjar papel! Vou poder escrever.
Chegou a hora de voltar para casa.
Há qualquer coisa de gigante neste sítio. O céu parece mais alto, mais intenso e o povo tem por vezes o mais belo mas inquietante sorriso. Inicialmente devíamos passar por Ulan Bator, de onde tinha a viagem planeada para voltar a casa, mas uma série de impedimentos fizeram-me regressar a Solovyevsk. Daqui a dois dias saímos para Chita, onde apanho o comboio para Moscovo e daí para Riga. Sinto uma espécie de impaciência cansada ou triste, não sei bem porquê.
O apelo à mobilização indica a iminência de uma guerra e não vai deixar

muito espaço para a luta, ou pelo menos parece-me que vai ser ainda mais difícil. Soube que, numa notícia vinda de São Petersburgo datada de 30 de Julho, chamaram os reservistas de vários distritos, reservistas da armada russa e finlandesa e os cosacos dos territórios do Don, Kuban, Terek, Astrakhan, Orenburgo e Urat. Ontem, numa conversa com bolcheviques locais - em que

definiram passo a passo o que pretendem: a liberdade das nacionalidades, a expropriação dos latifundiários e a nacionalização das terras, bancos e grandes empresas, e finalmente o controlo operário sobre a produção - também minimizaram a possibilidade de uma guerra dizendo que se houver conflito, seria resolvido muito rapidamente. Mesmo com o fim das greves nas fábricas Putiloff, Nobel, Lesner etc., pergunto-me como é que o exército russo se vai armar e equipar sem uma indústria de guerra? Como é que vamos alimentar os soldados? Como é que o povo vai comer quando já é tão difícil arranjar pão?

Chita, 2 de Agosto 1914

O que receava chegou. O embaixador alemão, em nome do seu governo, entregou ontem à noite a declaração de guerra à Rússia. Entretanto, também os soldados franceses foram mobilizados e a Inglaterra apoia a França e a Rússia. Não percebo como é que esta declaração de guerra acordou tanto

patriotismo ardente entre nós. Que disparate! Pelo que ouvi e vi até os operários cantam o hino nacional e fazem filas para enlistarem-se. Isto enquanto os governos dizem que querem a paz. A sua vontade de paz é sempre seguida de um “mas”, sempre uma condição superior ao verdadeiro desejo de paz. Declaram a abertura das hostilidades como se declara a abertura de um baile ou de uma exposição. Receio pensar o mundo. Receio que esta situação dificulte a nossa luta. Estamos à espera de um comboio militar que nos deverá levar até Moscovo.

CARTA DE PAULINA FRANTSEVNA METTER A AUSTRA TIEVAIS-SHEPSHELEVICH

Zirni, ***31 de Outubro de 1914***

Querida Austra

Espero que estejas bem. Desculpa a minha letra pequenina, pois tenho tido dificuldades em arranjar papel e quero guardar umas folhas para escrever a companheiras de Riga, Odessa e Moscovo. Os meus pais contaram-me a alegria

que lhes trouxe a tua visita e lembram-se do chá e do açúcar que saborearam junto do lume durante uns tempos. Desde que Sasha sucumbiu à febre tifóide e com a declaração de guerra, a vida tornou-se ainda mais difícil por aqui. A casa dos meus pais, outrora um espaço de reconforto e alegria, tornou-se um pântano de dor e tristeza. Para ajudar nas tarefas da casa e cuidar das minhas irmãs e irmãos, tenho feito uns trabalhos de costura e de limpeza além do trabalho no campo, mas por mais que me esforce não conseguimos sobreviver assim. Estamos a ponderar ir para norte de Riga, onde terei trabalho numa fábrica e poderei juntar-me às companheiras, mas ainda não sei como, nem quando. Estou dividida, pois talvez a vida na cidade ainda seja bem pior do que no campo. Uma cidade é sempre um alvo militar mais importante do que uma aldeia. Soube que nas cidades as pessoas têm dificuldades em arranjar pão, água potável e lenha. Os alemães invadiram a Polónia a 7 de Outubro e com os combates na Galicia, há muita gente a fugir. Pobres que nem sabem para onde ir.

Um abraço cheio de saúde e anarquia!
Paulina

RECORTES E APONTAMENTOS DE AUSTRA TIEVAIS-SHEPSHELEVICH

Paris, Janeiro de 1917

VUE GENERALE DE BRAILA

Tenho estado atenta às notícias da guerra e da Rússia nos jornais franceses. Recorto artigos, mapas, e por vezes desenhos.

Os mapas lembram-me que estou bem longe de casa, mas ao mesmo tempo aproximam-me dos povos em sofrimento a fugirem dos canhões, dos pobres soldados forçados nesta guerra e das companheiras e companheiros em luta que deixei na Rússia. A vaga de destruição alastra-se pela Europa, o

Oriente e até as colónias africanas.

Foi assim que soube que Rasputine fora assassinado a 31 de Dezembro de 1916.

Le moine Raspoutine est mort assassiné

Le fameux moine Raspoutine — d'après nos informations de Petrograd, vient d'être assassiné. Cette fois nous tenons la nouvelle pour exacte — car l'an dernier elle avait déjà circulé.

Raspoutine, qui se donnait pour une sorte de voyant, de prophète, jouissait d'une grande influence dans certains milieux de la cour. Il portait la soutane, mais le Saint-Synode, qui se défiait de lui, lui avait toujours refusé l'ordination, bien qu'il eût de très puissants protecteurs. De hauts personnages s'inclinaient devant lui, et le comte Witte n'hésitait pas à prendre ses conseils et même à le qualifier publiquement de « surhomme ».

Quoi qu'il en fût, Raspoutine s'ingérait souvent dans les affaires de l'Etat, en exploitant le prestige que lui valaient des moyens équivoques, et à plusieurs reprises la Douma avait dénoncé ses intrusions, dans un domaine qui eût dû lui rester interdit.

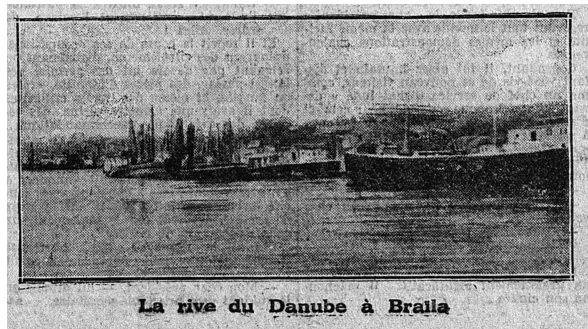
RASPOUTINE aurait été tué par un prince russe

Une information venue de Petrograd attribue au jeune prince russe Youssopof le meurtre du fameux moine Raspoutine dont l'influence, ainsi que nous le disions hier, était considérable dans les milieux riches de Russie et à la cour même du tsar.

On ne dit rien des mobiles du drame.

Le père, Félix Félixovitch, kniaz (prince) Youssoupof, comte Soumarokow, né à Petrograd en 1856, est aide de camp général du tsar. Le meurtrier est son fils, Félix Félixovitch, né à Petrograd le 23 mars 1887, prince Youssoupof, comte Soumarokow-Elstol. Marié à Petrograd, le 22 février 1914, à Irène Alexandrowna, princesse de Russie, altesse, née le 3 juillet 1895.

Cette princesse est la fille du grand-duc Alexandre Michaïlovitch, née à Tiflis en 1866, et la petite-fille du grand-duc Michel, mort à Cannes en 1909.

La rive du Danube à Braila

Os romenos foram violentamente atacados na zona de Dobrudja. Os alemães tinham 23 batalhões e os soldados russos tiveram que se retirar. As lutas continuam na fronteira entre a Ucrânia e a Romênia. Lembro-me dos tempos que passei em Vylkove, na pequena Veneza da Ucrânia, nas margens do delta do Danúbio. Um rio que me separa de casa. Um rio que simboliza esta guerra. Nasce na Alemanha, perto da França, e percorre paises e cidades em luta nesta parte do mundo Viena, Bratislava, Budapeste, Belgrado, Braila…

O bloqueio russo da Turquia está a afectar a população - sem carvão para aquecimento ou cozinhar - o povo turco não vai aguentar muito mais.

Sinto que a condição das mulheres está a mudar. Apesar de não achar que o caminho certo seja de lhes dar o direito de voto nas municipais como está a acontecer em França, é um vento auspicioso, mas bem sei que ainda há muito que fazer.

Num artigo de 5 de janeiro no “Petit Journal”, acerca do esforço pedido às mulheres nas fábricas, li que se dava prioridade às viúvas de guerra e às mulheres com filhos. Por um lado, a indústria da guerra permite a inclusão das mulheres como pares na sociedade e no esforço social comum. Por outro lado, preocupam-me os argumentos salientados pelos legisladores que, com supostos melhoramentos, definem a mulher como trabalhadora mais fraca, mãe e esposa. O Estado francês dispõe de todos os ingredientes para continuar o seu jugo. O melhoramento do trabalho mecânico procura minimizar o esforço físico e optimizar o desempenho, assim as mulheres podem tornear obuses de 270 cujo peso é superior a 112 quilos, têm bancos para se poderem sentar

durante o trabalho e bebidas quentes para o trabalho nocturno. Também legislaram sobre o alojamento barato perto do local de trabalho, as cantinas que asseguram as refeições essenciais por 2 francos por dia. Para não comprometer o papel da mulher enquanto mãe e esposa criaram creches perto do local de trabalho para as crianças entre 15 meses e 3 anos, e outras para as crianças com mais de 3 anos.

A 6 de Janeiro, perto de Paris, em Ivry, 500 mulheres e 50 homens da fábrica Vedorelli-Priestlez iniciaram uma greve. Pedem um aumento do salário de 30 cêntimos por hora (em vez de 40 cêntimos por hora, querem receber 70). A 7 de Janeiro já eram 1500 grevistas. A 8 de Janeiro eram cerca de 2000. A 10 de Janeiro já havia várias fábricas em greve e cerca de 4000 grevistas. Numa das fábricas (Malicet et Blin), os homens foram aumentados e as mulheres não, pelo mesmo trabalho. Mas nada feito! Só vejo injustiça e discriminação entre mulheres e homens nesta suposta unificação dos salários!

Passaram 29 meses desde o início da guerra e agora parece que a destruição se está a acercar de casa. A 13 de Janeiro os alemães lançaram cerca de 40 bombas a sudoeste de Riga. Não consigo imaginar a destruição e as mortes causadas por 40 bombas. Não tenho notícias. Estou desesperada.

Des artilleurs russes dissimulent un canon sous des blocs de neige

NOTAS E APONTAMENTOS DE ANASTASIA GALAIEVA

17 de Fevereiro, 1917

Por toda a parte estalam assembleias populares e concentrações. Os soldados, regressados da guerra, quando instados a disparar sobre o povo, desobedecem cada vez mais... Soube que, há uns dias atrás, uma guarnição militar sublevou-se, a multidão libertou todos os presos, pegou fogo à direcção das prisões, atacou o edifício da polícia e queimou os ficheiros policiais. Estas notícias são alentadoras!

Vou regressar a Ekaterinoslav…

RECORTES E APONTAMENTOS DE AUSTRA TIEVAIS-SHEPSHELEVICH

Paris, Fevereiro de 1917

Há falta de carvão, o que dificulta o aquecimento das casas em noites de muito frio. Nem quero imaginar as condições dos soldados na frente. O outro dia publicaram um desenho de soldados russos no jornal. Há cada vez mais

casos de tuberculose nas pessoas enfraquecidas pela guerra, a fome e o frio.

Paris, 12 de Março de 1917

Não sei se é a minha impaciência ou se algo se está mesmo a passar, mas

Fevereiro e Março têm sido meses de revelações. Primeiro, os americanos romperam com os alemães e preparam-se para a guerra. As mulheres francesas vão poder votar nas eleições municipais, alias, até vão poder ser "carteiros"! Qualquer coisa se está a passar. As sessões da Duma foram suspensas a 12 de Março e soube que uma carta para o pão ia ser implementada a 15 de Março. Vamos embora amanhã. Estou feliz. A viagem até Odessa vai demorar uns 30 dias ou mais, mas pelo menos vamos passar por territórios aliados e não há restrições de circulação como aconteceu recentemente na rede norte dos comboios.

NOTAS E APONTAMENTOS DE ANASTASIA GALAIEVA

7 de Abril, 1917

No encontro com companheiras e companheiros de vários locais, soube que Rebecca e Babushka estão bem… espero encontrar-me com elas rapidamente, pois não sei se o meu estado de saúde me permitirá muito mais tempo…

14 de Junho, 1917

Que saudades que tinha de Rebecca! Não consegui parar de chorar de alegria… enquanto nos actualizávamos, chorei e ri o tempo todo! Trabalha como costureira e continua a distribuir jornais e publicações anarquistas. Fiquei com alguns para distribuir.

DIÁRIO DE MARUSYA NIKIFOROVA

Aleksandrovsk, 03 de Agosto de 1917

Os Sovietes podem ser a melhor arma para manter o poder nas mãos do Povo, mas também se vê que facilmente há quem tente liderar e transformar o que é de todos no seu próprio imperiozinho privado.

A nossa missão é simples, manter os Sovietes no caminho certo, o da Liberdade. Caso comecem a entrar em jogos de poder e hierarquias, temos que nos rebelar e mostrar quem realmente manda. O Povo.
Os trabalhadores e os camponeses devem aproveitar tudo o que foi, é e será criado por eles em prol dos seus próprios interesses.
Nós, anarquistas, não prometemos nada, só tentamos que as pessoas se apercebam da sua situação e se apoderem da Liberdade pelos seus próprios meios.
De todas as acções que executei até agora, poucas me deram tanto prazer como a expropriação de milhares de rublos da maldita destilaria onde fui tão explorada. Imagino aquele maldito a espumar quando percebeu que tinha sido eu a tirar-lhe das mãos aquilo que há décadas roubava dos que são verdadeiramente os merecedores de usufruir do que produzem, os operários.
As células anarquistas não têm, ainda, muita força por estes lados, mas tudo farei para que essa situação mude. Mostrar aos trabalhadores que se podem e devem organizar para tomar nas mãos o seu destino é a minha principal missão, não desistirei dela. E o terror continua a ser a melhor forma de mostrar aos que não entendem isto, que nada nos travará.

NOTAS E APONTAMENTOS DE ANASTASIA GALAIEVA

4 de Setembro, 1917

Esta tarde, na fábrica onde trabalho, duas companheiras comentaram que em Aleksandrovsk e Elizavetgrad se estavam organizando destacamentos de guardas armados, a "Guarda Negra"… não pude conter a minha alegria quando ouvi o nome Marusya! Marusya, a jovem valente e com grande dedicação à luta por uma sociedade livre de toda autoridade, de quem já não tinha notícias há imenso tempo, estava a organizar os destacamentos…

DIÁRIO DE MARUSYA NIKIFOROVA

Aleksandrovsk, 29 de Setembro de 1917

Poderá haver maior ironia do que ser presa pelos que se apregoam revolucionários? Mas foi sol de pouca dura para os que tentam agradar a deus e ao diabo.

Os trabalhadores reconhecem quem realmente luta por e com eles.
Muitos me chamam líder, não gosto e não reconheço o epíteto, não o aceito, mas não posso deixar de ficar comovida com a carta que recebi de uma companheira que transcreveu as humildes palavras que proferi quando me vi livre pela mão daqueles que são meus parceiros, de luta, de vida e morte, se preciso for.
"Obrigada companheiros, obrigada por lutarem pela minha libertação.
Agora podemos regressar ao que verdadeiramente importa, a Liberdade para todos nós.
Vós, trabalhadores, camponeses, operários, vós que sois o verdadeiro motor de qualquer sociedade, lutem para eliminar qualquer tipo de governo ou autoridade. Não precisamos deles!
Só precisamos das nossas mãos, da nossa unidade!
Qualquer autoridade só serve para nos manter como carneiros, a obedecer sem questionar. Não precisamos de governos ou líderes e só a eliminação física dos que acreditam que precisamos nos vai levar a uma sociedade livre e justa.
Só através das chamas da verdadeira Revolução poderemos limpar as comunidades dos que se embebedam com um pedacinho de poder e espezinham os que até ali eram seus companheiros.
Só a morte dos que não estão connosco poderá libertar os que lutam por uma vida digna, justa e livre.
À Luta Companheiros, sem medos nem falsos escrúpulos, à LUTA!"

NOTAS E APONTAMENTOS DE ANASTASIA GALAIEVA

17 de Março, 1918
Encontro com Rebecca e outras companheiras e companheiros.
Rebecca transborda determinação… Apresentou-me às companheiras Fanny, Fanya e Katya e contou-me com entusiasmo como foram as suas visitas ao Soviete local de Gulaï-Polé e como se organizam as comunas livres da região…

30 de Julho, 1918
As revolucionárias e revolucionários que se opõem à apropriação da revolução por parte do partido bolchevique estão a ser perseguidas…

QUATRO CARTAS DE FANNY KAPLAN

Moscovo, 30 de Julho de 1918

Companheira Dora:

Esperamos que esta missiva te encontre bem e preparada para a tua missão. Antes de mais queremos garantir-te que o teu pequeno tesouro está seguro e encontra-se de momento a caminho dos Estados Unidos onde será acolhida por uma família de companheiros que anseiam não só a chegada dela mas, também, que venhas rapidamente a juntar-te a eles. Todas as informações que conseguiste reunir e passar-nos nessa dolorosa missão de te manteres próxima dos traidores da Revolução nos últimos dois meses foram preciosas. Como bem disseste a melhor oportunidade de apanhar o falso messias da revolução é apanhá-lo em toda a sua a arrogância. Conseguimos confirmar a informação de que no dia 13 do próximo mês ele vai visitar a fábrica de armamento que usa para eliminar os nossos companheiros. Será nesse momento que nós o eliminaremos a ele. As peças necessárias encontrar-se-ão disponíveis na mala azul encostada à parede branca. Podes ir lá buscá-las a partir da queda das primeiras neves.

Dora, não estarás sozinha, sabes disso. Sabes por onde tens que ir para escapar em liberdade. Demorará um pouco até que todos percebam a tua acção, mas isso vai acontecer companheira. E aí seremos todos Livres!

Na improvável hipótese de seres apanhada, sabes o que tens a dizer e a fazer. Que isso não preocupe o teu coração, pois nós libertar-te-emos.

Lutar sempre, até às últimas consequências, pela Liberdade!

Luta, Anarquia, Liberdade!

Os Companheiros.

Moscovo, 12 de Agosto de 1918

Viktor:

Lembras-te de quando acreditávamos que íamos conquistar a liberdade?

Que o faríamos pela força das armas nas mãos do Povo?
O que mudou nesta estranha Revolução nestes onze anos?
O que mudou em ti?

A Luta, a certeza de que o Povo venceria esta batalha e o meu amor por ti mantiveram-me viva.
Viva por entre a cegueira dos olhos e a escuridão da alma que me dominavam.
Viva por entre a falta de esperança de um dia ser libertada e participar activamente nas mudanças que se estavam a operar.
Viva por entre a devastadora certeza de que morrerias numa das tuas acções, das tuas prisões.

A notícia de que poderia recuperar a visão logo seguida pela redução da minha pena trouxeram-me esperança, mas não me devolveram o teu amor.
Quando fui operada, como sabes, procurei calor nos braços do Dmitry, não to escondi quando nos encontrámos…
Nessa altura acreditava que o sórdido irmão dele era um dos nossos, que lutava pela Liberdade, contra as amarras que nos queriam obrigar a aceitar… mas foi fácil perceber que nós, os nossos, Viktor, iriam ser perseguidos assim que ele tivesse uma centelha de poder nas mãos, foi fácil perceber como fomos usados, como fomos meros peões com mais coragem que juízo e que iam sempre na vanguarda da Luta. Por isso, Nós morremos mais e continuamos a morrer, por isso Nós fomos mais vezes presos e continuamos a ser…
Vocês, os que acreditam em Lenine, não vêem os nossos companheiros a ser presos? Quantos amigos já mataste, Viktor?
No Dmitry encontrei o afecto que não tive nem por um momento durante todo o tempo da minha prisão… e reencontrei um pouco daquilo que julgava perdido, a minha visão… ele devolveu-me os meus olhos… nunca poderia não o amar…
Senti muitas vezes que te estava a trair…
Só perdi esse sentimento quando percebi que a tua traição foi muito maior. Como foste capaz Viktor, de atraiçoar tudo em que acreditávamos, tudo pelo que pusemos a vida em risco tantas vezes? Como foste capaz de apunhalar a Revolução, de ajudar a destruí-la?

Que parte de que tem que ser o proletariado com as suas próprias ideias, acções e mãos a controlar todas as estruturas é que deixou de ser verdade? Como é que de repente temos um poder centralizado num traidor que todos veneram como a um deus? Em que é que Lenine é mais do que tu ou eu ou qualquer operário?

Não tenho medo de consequências, nunca tive, tu sabes bem… nunca permitirei que nos roubem a Revolução!
Não permitirei que esmaguem como moscas incómodas tudo o que sofremos para chegarmos aqui. Os nossos cativeiros, as torturas, as humilhações…
Se permitirmos que o “deus” vença será como se todos nós tivéssemos dado as nossas juventudes, as nossas vidas em vão.
Agora, meu amor, poderás não conseguir ver, e contigo muitos dos nossos companheiros, mas o futuro o dirá.
Por muito que pense não consigo perceber como te tornaste um reles bolchevique… sonhavas tanto, meu amor…
Como podes aceitar que te comandem, como podes aceitar ordens de outros, tu que tanto lutaste contra as hierarquias, como podes prender ou matar alguém que só luta por ser livre, tu que tanto sofreste a lutar contra o poder desmedido e centralizado em alguém?
Em que é que Lenine é diferente do Czar?
Ditadores.
Em que é que a Tcheka é diferente da Okhrana?
Algozes de inocentes.

Tenho trabalhado intensamente com operários ajudando a que se organizem em assembleias locais, para que produzam por si e para si, sabes o que fazem os teus amigos bolcheviques?
Fazem de tudo para que se dispersem, mentem dizendo que precisam de líderes, de alguém que os comande, que sem isso jamais poderão ter estruturas levadas a sério. Fazem desaparecer ou matam às claras todos os que os contrariam.
O vosso deus não se cansa de dizer que sem o Estado é impossível o verdadeiro socialismo, nós sabemos que isto não é verdade.

Só os operários, os camponeses, os trabalhadores, o Povo é que sabem o que realmente necessitam e como consegui-lo.
O Poder tem que cair nas mãos do Povo!
Definitivamente!
ESTOU FARTA!
Nada importa mais do que a Revolução!
Espero que o entendas um dia…
Com Amor, Anarquia e Revolução,

Fanny.

Moscovo, 12 de Agosto de 1918

Meu doce Dmitry:

Tanto te devo, tanto tenho que te agradecer.
Quando fui libertada estava imersa numa tristeza e negritude profundas. Estava praticamente cega e o meu coração estava enterrado em dor. Tu devolveste-me a visão e a alegria. Tu devolveste-me a capacidade de amar. Mas também nunca te escondi que essa capacidade de amar estava intrínseca e inevitavelmente ligada ao Viktor. Sabes, porque também nunca to escondi, que até desaparecer em outubro passado dividi essa capacidade pelos dois.
O facto de o Viktor me ter traído com os bolcheviques não diminuiu o meu amor por ele. O facto de tu seres um bolchevique por natureza não diminuiu o meu amor por ti.
Mas, existe um amor em mim que se sobrepõe a qualquer um de vocês, o amor pela Revolução, o amor pela verdadeira Liberdade.
E esse… ambos traíram.
Quando saí da prisão deixei-me iludir por esta falsa revolução e o facto de Lenine ser teu irmão ajudou nessa ilusão. Como poderia eu não confiar nas boas intenções do irmão do homem que me resgatou à escuridão do corpo e da alma?
Mas era tudo falso.
Em nenhum momento os bolcheviques pretenderam dar a Liberdade ao Povo. A

verdadeira intenção foi sempre criar um governo totalitário que dominasse todas as vontades e eliminasse as que não alinhassem com eles. A verdadeira intenção foi sempre dar só uma nova forma de escravatura aos operários, uma gaiola dourada onde eles se julgam livres, mas estão tão presos como com o imperador. Perguntei-me tantas vezes se sabias disto desde o início ou se foste tão iludido como eu…

Sei que nunca acreditaste na Anarquia como um ideal realizável, mas, saberias tu que tudo o que o teu irmão pretendia era apenas uma nova forma de ditadura?

Desde que regressei nunca te fiz estas perguntas, era inútil, não valia a pena tentar perceber o que é óbvio… nunca deixarás que o que sentes por mim se sobreponha aos teus ideais e à devoção que tens pelo teu irmão. Como eu nunca deixarei o que sinto por ti e até o que de maior me poderá ligar a ti se sobreponha à minha entrega à Revolução.

Espero que um dia possas perdoar, embora perceba se tal não acontecer, mas tens que entender que a minha vida só fará sentido depois disto. Independentemente das consequências.

Faço-o por mim, por todos, mas acima de tudo pela inocente que nunca conhecerá quem a trouxe à vida.

Seja ela filha de um mero e reles funcionário da Tcheka ou sobrinha do grande ditador.

Quero que ela seja livre!

Pois acima de tudo será sempre filha da Revolução.

Com amor,

Fanny.

Moscovo, 12 de Agosto de 1918

Querida Sasha:

O meu nome é Fanny Kaplan e sou tua mãe. Não sei como e quando esta carta te vai chegar às mãos. Não sei quem vais ser quando descobrires quem era a tua mãe, mas preciso de te dizer algumas coisas.

A tua mãe nasceu num lugar e num tempo em que muitos viviam em condições indignas de um ser humano para que uns, muito poucos, pudessem ter vidas de luxo e criminosa ostentação. Quase toda a população trabalhava até à exaustão a troco de tão pouco, que levava a que muitos morressem à fome.
Quando tive idade para perceber esta injustiça e companheiros que me mostrassem que se podia fazer alguma coisa para mudar isto participei em acções armadas para tirar o que era do Povo das mãos dos poderosos.
Tive azar, numa dessas acções ceguei e fui presa. Estive onze anos cega e presa na Sibéria sempre de pés e mãos acorrentadas pois consideravam-me extremamente perigosa.
E era. Pela Revolução, pela Liberdade seria capaz de tudo.
Mas esses onze anos conseguiram quebrar-me e levar-me para um lugar muito triste onde já não tinha esperança de nada.
Com aquela coisa a que falsamente chamaram de revolução fui libertada. Por essa altura fui também operada e devolveram-me a luz.
Resolvi voltar a lutar. Trabalhei directamente com muitos operários para lhes mostrar que se poderiam auto-organizar, ser os donos das suas vidas e usufruir de tudo o que eles próprios produziam.
Mas os traidores da Revolução de tudo faziam para eliminar qualquer tentativa bem-sucedida de Liberdade.
Meteram na cabeça dos operários que só um governo de mão de ferro poderia manter os burgueses afastados e fizeram com que esses mesmos operários livres do jugo do patrão se submetessem alegremente ao jugo do Estado.
Prenderam e mataram todos os que não concordavam com eles, exactamente como faziam os burgueses.
Foi por isso, minha filha. Foi porque não era este mundo que queria para ti que me arrisquei, apesar de tu seres um bebé recém-nascido, numa missão que eu sabia que seria sempre suicida.
Vou matar o líder dos traidores, o principal traidor.
Lenine vai morrer às minhas mãos e o Povo será novamente livre de encontrar o seu caminho.
Não sei quando, nem como esta missiva te vai chegar às mãos, mas espero ardentemente que nessa altura vivas num mundo livre de algozes. É por esse objectivo que estou a lutar, até à morte, se preciso.

Amo-te, minha pequena criança.

Da tua mãe,
Fanny Kaplan

NOTAS E APONTAMENTOS DE ANASTASIA GALAIEVA

4 de Setembro, 1918
Querida Fanny, companheira que sempre ouviu a razão e o coração… Serás sempre uma inspiração na luta por um mundo melhor…
Fanny foi executada ontem sem qualquer julgamento...

9 de Fevereiro, 1919
Com grande alegria encontrei Babushka na reunião da Cruz Negra em Kiev. Contou-me como reencontrou Sasha e, com olhos humedecidos, o quanto tinha crescido o filho de ambos… Contei-lhe como Pavel foi assassinado pelos nacionalistas de Petliura...
combinámos encontros para organizar ajudas para todos os presos políticos revolucionários…

DIÁRIO DE MARUSYA NIKIFOROVA

Sebastopol, 19 de Setembro de 1919
Sempre me quiseram matar. Quase desde criança que sei que o meu fim seria mais ou menos este.
Não me arrependo de ter feito alianças com quem amanhã vai disparar uma bala em direcção à minha cabeça, sei que naquele momento o inimigo comum era mais perigoso do que os bolcheviques.
Aliás, é risível a dificuldade que esta gente teve até conseguir finalmente arranjar forma de me eliminar. Tantos pruridos. “Ai que ela conheceu o Lenine”, “Ai que ela nos deu uma mãozinha contra os Alemães”.
Eu sou inimiga deles, sempre serei. Eu própria matei com a minhas mãos muitos deles e mataria muitos mais.
Por isso matem-me. Eliminem-me.

O meu legado ficará.

NOTAS E APONTAMENTOS DE ANASTASIA GALAIEVA

16 de Dezembro, 1919
Fomos muito poucas as que conseguimos escapar…
Trotsky ordenou a prisão das companheiras e companheiros da Nabat e a invasão e encerramento de várias organizações anarquistas ao redor do país…
A Ditadura do Partido toma o lugar da Ditadura Imperialista...

21 de Junho, 1920
Rebecca e dezenas de companheiras e companheiros, incluindo Fanya e Katya, foram detidas pela Tcheka em Kharkov…

CARTA DE FREIDA SEMIONOVNA NOVIK-SHEPTUN A OLGA ILYINICHNA TARATUTA

Moscovo, 28 de Setembro de 1920

Companheira Babushka,

Soube hoje, casualmente, por um companheiro, que te encontras em Moscovo. Também eu estou por cá, trabalho como mulher a dias em várias casas dos camaradas bolcheviques que, agora, são os burgueses de serviço. Sei que com esta afirmação te arranquei um sorriso de preocupação. De facto, não consigo juntar-me às fileiras bolcheviques, até porque o poder do Estado só mudou de mãos e isso não me serve. Tenho pensado muito em ti, em nós, nas nossas lutas e nos anos de vida que perdemos com os trabalhos forçados na Sibéria. Ajudei a conquistar isto que temos, e o que temos não me serve. É frustrante! Tenho pensado muito em ti, em nós e principalmente nas que partiram. Durante o tempo em que vivi na Europa e nos Estados Unidos só pensava em regressar, mas agora já não sei se devia ter voltado, porque não me sinto em casa. Foi lá fora que percebi porque te apelidas de Babushka. Porque, apesar de se atribuir a sabedoria a mulheres mais velhas, o arquétipo da mulher sábia é ser jovem enquanto velha e velha enquanto jovem. Essa sabedoria faz-me muita falta! Tudo seria diferente se pudéssemos conviver abertamente umas com as outras,

para trocar ideias, sem que com isso colocássemos a nossa vida em risco. Ah! Onde anda a liberdade que tanto anseio? Não há dúvida nenhuma que o poder corrompe e os que ontem eram revolucionários são hoje vampiros que sorvem o sangue dos verdadeiros revolucionários...
Termino por agora, minha querida Babushka. Não devo continuar a gastar tinta com as minhas letras amargas que nos colocam a ambas em perigo. Diz-me como poderemos fazer para nos vermos e aí, sim, poderemos dissertar sobre estes tempos quentes que vivemos.
Abraço-te, com este meu coração definhado mas com muita amizade por ti,

Freida

CARTA DE OLGA ILYINICHNA TARATUTA A FREIDA SEMIONOVNA NOVIK-SHEPTUN

***Gulaï-Polé*, 2 de Outubro de 1920**

Companheira Freida,

Que bom ter notícias tuas e saber que estás bem, neste mundo que ainda está muito longe de ser o mundo que sonhamos e pelo qual lutamos. Tenho perguntado por ti a todas as nossas companheiras e pensei que ainda estivesses nos Estados Unidos. Já não estou em Moscovo, mudei-me para Gulaï-Polé no final do mês passado e agora estou a caminho de Kharkov e não me é fácil ter disponibilidade para ir aí. Porque não me vens tu visitar, querida Freida? Tenho pensado muito em ti e na Shera, nas nossas conversas, nas nossas risadas e até nas nossas zangas... Não consigo conformar-me com a sua ausência e ainda hoje me dói tanto, como no dia em que ouvi a sua sentença de morte, juntamente com a do Moisei Mets e do Osip Bronshtein. Eu e mais uns outros éramos tão culpados como eles, mas como não fomos atingidos pela bomba, só fomos considerados cúmplices e condenados a trabalhos forçados. Falo, como sabes, do atentado à cervejaria Libman, em Odessa. Nenhum de nós prestou qualquer declaração nem à polícia nem ao procurador e recusamo-nos a ter advogados, mas no final perdemos estes três companheiros. São riscos que se correm, todas nós sabemos, e passamos a vida a dizer, mas estava melhor preparada para perder a própria vida do que a de Shera. Faz-me muita falta!

Era uma das melhores, corajosa como poucas. O rabino que falou com eles antes de serem enforcados, disse-nos que as últimas palavras desta companheira guerreira foram: "Viva a revolução! Viva o anarquismo comunista! Morte aos assassinos. Maldito sejas, ó carrasco! Um dia, o vosso Imperador será enforcado!"
Foram estas palavras de coragem que me deram força para me evadir da prisão de Odessa. Disfarcei-me de empregada doméstica ferida numa bochecha, e foi assim, com o rosto cheio de ligaduras que parti para Moscovo para retomar as minhas actividades no “Buntar”. Em Março de 1907, a perseguição de Stolypin era feroz, vários grupos de companheiros nossos eram caçados e executados sem julgamento e eu consegui refugiar-me na Suíça e como tu referiste, talvez devesse ter ficado por lá, mas só pensava no regresso e nas várias formas de luta e no que podia fazer para nos libertar a todas e a todos. Regressei no Outono, participei em vários ataques contra representantes do poder e no final do mês de Fevereiro de 1908, planeámos atacar a prisão de Lukyanivska em Kiev, para libertar os nossos companheiros que se encontravam presos. Fomos denunciados e até hoje não sei quem nos denunciou. Como vês, cai aqui por terra essa grande sabedoria que me atribuis e isso dá cabo de mim. Isto perturba-me e moeu-me o cérebro durante os sete anos que estive presa em Kiev. As voltas que dei à cabeça a pensar no assunto... Reconstruí mais de mil vezes todos os encontros clandestinos que tivemos, desde o primeiro ao último dia em que falamos deste ataque, até ao dia D. Por vezes, todos os envolvidos me pareciam incapazes de cometer uma traição mas, nos dias mais negros, eram todos suspeitos aos meus olhos, e colocava em causa a lealdade de cada um à causa e aos companheiros. Condenada a 21 anos de trabalhos forçados, a única certeza que tinha é que nenhum dos 36 companheiros do Grupo Internacional de Combate, que foram presos e julgados comigo, era traidor. Dos que conseguiram escapar, qualquer um pode ser o delator e nesse caso, temos um rato de esgoto entre nós, que até hoje não conseguimos detectar e, por isso, há que manter os olhos bem abertos e planear todas as acções no mais absoluto sigilo e apenas com aqueles que nos merecem eterna confiança. Confiar apenas em nós próprias e nas nossas forças organizadas é o meu lema.
Não sei se foi por causa desta frustração: a descoberta que, entre nós, os que

lutamos pela liberdade, há seres humanos rastejantes capazes de entregar companheiros com quem arriscaram as vidas a troco sabe-se lá do quê, ou devido aos trabalhos forçados e às privações a que me submeteram, o que é certo é que pensei muito no meu filho durante o tempo que estive presa. Atormentava-me pensar que poderia não voltar a vê-lo e que isso lhe seria indiferente, até porque nem sabia quem eu era, nunca me comportei como sua mãe. Dizia a todos, e principalmente a mim mesma, que o fazia principalmente por ele, para lhe deixar um mundo melhor, livre e sem autoridade. Jurei a mim própria que se algum dia saísse daquele inferno, a primeira coisa que faria era procurar o meu menino, para lhe mostrar todo o amor que sentia por ele e que ali, naquela pocilga, me enchia o peito e me dava forças para me levantar dia após dia. Na verdade, saí muito antes dos proféticos 21 anos, fui salva pela Revolução de Fevereiro de 1917. Quando saí, procurei abrigo na casa de uns companheiros para me recompor e ficar com um ar apresentável para que, tal como tinha prometido, o meu filho pudesse conhecer a mãe, nas suas melhores condições. O que eu não contava é que quem ficou impressionada fui eu e não ele, tinha deixado uma criança e encontrei um homem, um adolescente que como todos os adolescentes vê o conflito como uma espécie de expressão e tinha em mim, a mãe que o abandonara, a interlocutora perfeita. Foi também nesta altura que me reencontrei com o seu pai, o Sasha, que estava tão pró-bolchevique como o tinha deixado e gritava a plenos pulmões que defendíamos todos o mesmo: paz, terra, pão, liberdade e trabalho. Tinha algumas dúvidas que assim fosse, mas tinha coisas mais importantes e prementes para discutir com o Sasha. Na realidade, concordo com Tolstoi quando este diz que o casamento é o erro que todos temos que cometer, para depois o reparar e, irremediavelmente, era isso que tinha que fazer. O pior de tudo isto, é que me sinto, sobretudo, uma péssima mãe que sempre foi incapaz de se adaptar à vida em família que exige uma dedicação plena, quase sagrada. Lá terei eu que carregar com esta culpa até ao fim dos meus dias, juntamente com o resto da carga que me acompanha, que já é tanta...

Bem, nesta altura em que me esforçava para manter a minha família unida, senti-me sempre inquieta, e descobri que a vida doméstica não é, definitivamente, para mim. Dediquei-me, então, à Cruz Vermelha Política de

Kiev e consegui ajudar imensos revolucionários de todos os partidos, incluindo bolcheviques. No início de 1920 instalei-me em Moscovo onde as críticas ao governo soviético eram mais que muitas, ninguém lhes perdoava a formação da Tcheka, a nacionalização dos bancos e da terra, a subjugação dos comités das fábricas, entre muitas outras coisas que íamos tendo conhecimento. Quando cheguei à recém-construída Kievsky, a estação ferroviária com uma fachada de frente para o Moskva, foi-me, de imediato, entregue por um companheiro, um panfleto dos nossos que referia claramente que a concentração da autoridade nas mãos do Sovnarkom (Conselho dos Comissários do Povo), da Tcheka e do Vesenka (Supremo Conselho Económico), acabaram com todas as esperanças de uma Rússia livre. Estava lá escrito com todas as letras que "o bolchevismo, dia a dia e passo a passo, prova que o poder estatal possui características inalienáveis, pode mudar o rótulo, a teoria e os servos, mas, na essência, permanece o poder e o despotismo em novas formas." O movimento anarco-sindicalista Golos Trouda que, nesta altura ajudei a organizar em Moscovo, condena fortemente os bolcheviques pela nacionalização da indústria e Maximov que sempre contestou o slogan: "Todo o poder para os sovietes", defende abertamente que não é possível, em sã consciência, continuar a apoiar os sovietes. Apesar disso, há uns dias, no final do mês de Setembro, os makhnovistas e os bolcheviques assinaram um acordo. Aqui entre nós, não acredito na boa fé de nenhuma das partes e sei que isto é sol de pouca dura, até porque todos os makhnovistas defendem com unhas e dentes que um verdadeiro regime socialista dos trabalhadores e camponeses só é possível com a destruição do Estado e com uma revolução social que acabe com todos os soviéticos que continuam a ser veículos de poder.
Foi talvez por isto, por saber que a guerra está muito longe de acabar, que os makhnovistas me colocaram nas mãos cinco milhões de rublos para ajudar todos os nossos companheiros. A minha experiência na Cruz Vermelha Política foi deveras importante porque percebi que esta não ajuda anarquistas, eles não querem saber de nós, se somos condenados, somos; se somos maltratados, somos, ninguém se importa com os nossos direitos. Somos úteis enquanto apoiamos as suas revoluções, porque lutamos que nem lobos, mas depois disso, somos descartáveis e a nossa vida não vale nada. Por isso, vou agora para Kharkov, como te disse no início desta carta, com o intuito de criar a Cruz

Negra Anarquista que terá como único objectivo ajudar todos os nossos companheiros reprimidos por este novo regime. Pretendo aproveitar cada rublo que me foi dado e dedicar-me inteiramente a lutar pela liberdade dos nossos companheiros que se encontram encarcerados, escondidos e fugidos.
De vez em quando, regresso ao tempo em que me tornei uma anarquista comunista, por volta de 1903, quando trabalhava no "Iskra" na Suíça. Não regresso por colocar em causa as minhas convicções, mas porque foi nesta altura que conheci Lenine e Plekhanov, que me encheram de esperanças num mundo livre, sem opressões, onde as fábricas ficam nas mãos dos trabalhadores e as terras nas mãos dos camponeses. Relembro, com algum saudosismo, apesar de me sentir um pouco traída, as conversas com Lenine, em particular quando ele falava o que eu tanto queria ouvir: que a plena igualdade social das mulheres é um princípio completamente indiscutível para um comunista. Falava, com orgulho e entusiasmo, no papel importante que as mulheres russas teriam que ter na revolução e que sem nós, seria impossível vencer. Dizia que teríamos que sofrer e passar por muitas privações, e que precisávamos de nos manter firmes para lutar pela liberdade e pelo comunismo. E, sim, estava absolutamente certo, sofremos muito e passamos por muitas privações. E só me apetece ir ter com ele e perguntar-lhe: e agora, camarada? Foi para isto que demos suor e sangue? Mas isso não iria resolver nada... E, por isso, continuo a lutar, a dar suor e sangue, até ao dia em que, talvez tenha que dar a vida...
Freida, minha amiga Freida, já começo a ficar inoportuna e é melhor terminar por aqui, antes que te encha com as minhas lamúrias e os meus medos. Eu por aqui estou, anda ver-me... Se vieres, verás com os teus próprios olhos que continuo a dar os meus gritos de guerra, e que não me rendo com facilidade.
Despeço-me com carinho,

Babushka

NOTAS E APONTAMENTOS DE ANASTASIA GALAIEVA

13 de Fevereiro, 1921
Hoje foi o funeral de um grande amigo, companheiro e mentor… a Rússia está de luto...

The funeral of Kropotkin, 13 February 1921.

Piotr Kropotkin viveu e morreu sem nunca aceitar nada dos bolcheviques… nunca colaborou com nenhum Governo e menos ainda com um que, em nome do socialismo, abole todos os valores éticos e revolucionários...
Estive com Babushka e mais algumas companheiras e companheiros que foram libertadas por umas horas para participar do cortejo fúnebre… abracei Babushka na despedida e a intensidade do abraço foi tal, que parecia um “adeus companheira, até sempre...”
Voltaremos a ver-nos?

NOTAS DESDE O EXÍLIO, 1940

O assalto frustrado de 1913 foi uma das nossas primeiras acções como grupo autónomo de expropriação em Barcelona. Naquela época era comum encontrar pequenos grupos anarquistas locais em toda a Península, apesar do facto de que a força da CNT já se sentia nas ruas, contando com mais de trinta mil trabalhadores apesar de sua proibição em 1911. No assalto Vítor estava connosco, alguns anos depois encontrei-o na fotografia do congresso fundador do sindicato, onde aparece com a sua boina, na terceira fila.

Para a acção do Banco de Barcelona, tivemos o apoio de Marusya, que já tinha participado em acções similares na sua terra natal. Na altura ela tinha 28 anos e mais de dez anos de experiência em acções de propaganda pelo acto, incluindo assaltos armados e o assassinato de um polícia czarista. A sua determinação era percebida logo nas armas que pendiam do seu cinto, entre elas um revólver do calibre 32 S&W que provavelmente tinha adquirido nos Estados Unidos, de onde ela acabara de chegar depois de fugir de um campo de trabalho na Sibéria. Marusya falava de acção directa com tenacidade, embora com uma abordagem diferente da nossa. Individualista e insurreccionalista, o seu ponto de vista estava afastado

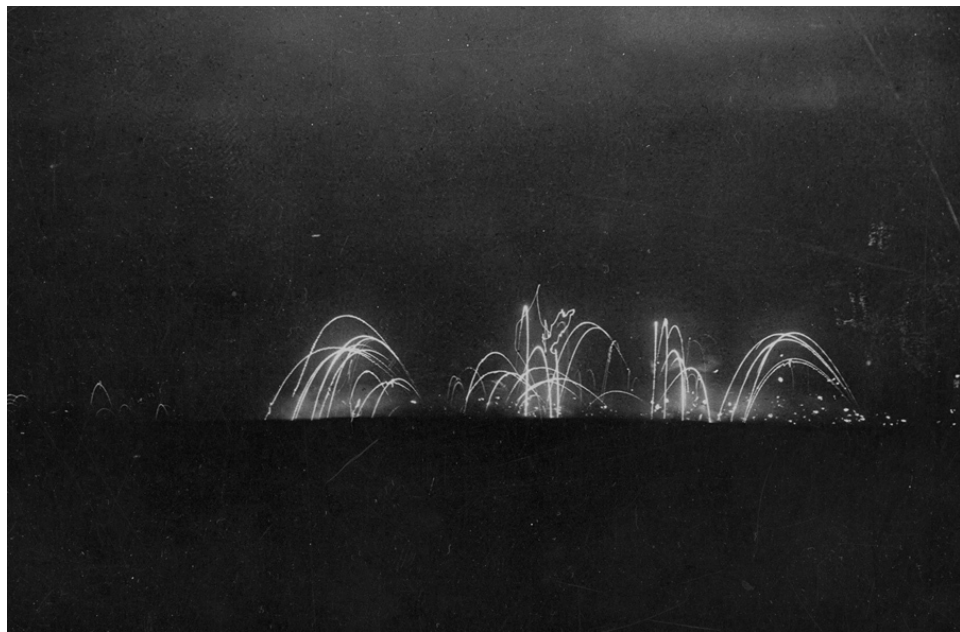
Congreso obrero fundacional de la CNT - Confederación Nacional del Trabajo. Palacio de Bellas Artes Barcelona, 30 octubre a 1 de noviembre de 1910

de uma organização sindical, o que articulava o movimento anarquista na Catalunha. Na nossa discussão consegui traduzir o último artigo publicado em Solidaridad Obrera sobre o assunto, texto de que ainda tenho comigo o recorte, publicado alguns dias antes do nosso assalto. No artigo reflectimos sobre a acção directa entendida como o ataque directo aos interesses dos patrões e sobre o seu uso para garantir a melhoria social.
Quando Marusya chegou, a guerra entre trabalhadores e patrões era palpável na cidade. A Asociación de la Patronal de Barcelona tinha criado um ano antes uma equipa de polícia privada, que chamámos internamente de "brigada de assassinos" e que contribuiu para os encarceramentos de muitos dos nossos companheiros. Na altura, lembro-me de ter falado sobre isso com a Marusya e sobre a greve dos garçons do aristocrático Café Royal, assinalando a importância de contribuir para a caixa de resistência para os grevistas afiliados na CNT e os companheiros na cadeia.
Este e outros eram os propósitos que tínhamos projectado para o saque do nosso assalto, que não conseguimos realizar devido à intervenção da polícia e ao tiroteio subsequente, que deixou Marusya ferida no braço.
Naquela época, estava activo em Espanha o chamado Protocolo de São Petersburgo, pelo qual a polícia de diferentes países europeus trocava filiações e retratos de anarquistas, bem como os seus movimentos. Com medo de que Marusya fosse reconhecida pela polícia decidimos levá-la por estradas secundárias para uma clínica clandestina em Toulouse, onde receberia tratamento. Foi lá a última vez que a vi pessoalmente, embora eu soubesse que ela foi para Paris alguns meses depois.

Nome ilegível

NOTA FINAL: Estas cartas, apontamentos, desenhos, fotografias, postais e recortes resultam de um trabalho colectivo de investigação e escrita criativa tendo em conta a falta de documentos acerca de muitas mulheres anarquistas russas, do seu envolvimento e papel nas lutas sociais da época e a necessidade de lhes dar voz.

Participaram neste trabalho: Anna Pastor, Cíntia Regala, Carlota Joaquina, Gisandra Oliveira, Helena Ferreira, Natacha Ribeiro e, claro, Nadja e Julie!

Capa e contracapa: 10 peças, 25,5 x 21,5 cm, cartão, óleo, 2017, intituladas "Caras" de Ana Kennerly. Montagem Ana da Palma.

Esta separata foi feita para o número 2 da publicação Erva Rebelde dedicada à Revolução Russa de 1917. Contacto: ervarebelde@riseup.net

Para a edição de texto, composição gráfica e edição de imagens foram utilizados os softwares livres Scribus e Gimp.